

Manuel Antônio Vital de Oliveira

Pernambucano do Recife, MANUEL ANTÔNIO VITAL DE OLIVEIRA nasceu a 28 de setembro de 1829.

Os pais, ANTÔNIO VITAL DE OLIVEIRA e D. JOANA FLORINDA DE GUSMÃO LÔBO VITAL, encaminharam-no, sem perda de tempo, aos melhores colégios, onde estudou Português; Francês, Inglês, Latim, Filosofia e Retórica.

Com as provas de habilitação em tais disciplinas, deixou, a 13 de dezembro de 1842, a cidade natal, em busca da Escola de Marinha, na capital do Império, onde se matriculou a 1.º de março seguinte.

A vocação que encontrara, então, meios de expandir-se, iria manifestar-se por dois aspectos diferentes, que nem sempre se encontram reunidos na mesma pessoa.

Primeiro, seria perito na técnica de navegação, em que se iniciou no brigue de guerra "Calíope", como guarda-marinha, desde 12 de novembro de 1845.

Segundo-tenente, apenas decorrido um biênio, era primeiro-tenente a 2 de dezembro de 1854, quando lhe coube o comando do iate de guerra "Paraibano", em que iria patentear aptidões especializadas.

Conseguiu aperfeiçoar-se em hidrografia, durante proveitosa viagem de estudos à Europa, e assim que se lhe abriu oportunidade, cuidou de aplicar os seus conhecimentos.

Começou pela costa pernambucana, que explorou, em dilatado segmento. As plantas que apresentou, acompanhadas de roteiros, evidenciaram-lhe a competência, aproveitada em outras incumbências análogas.

Ao apreciar a mais recente, que lhe valeu de título de admissão ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, afirmou, a 17 de julho de 1862, PERDIGÃO MALHEIRO, relator da respectiva Comissão:

"Além da carta mencionada, que descreve a costa do Brasil, entre o rio Moçoró e o de São Francisco do Norte, isto é, talvez a mais perigosa para a navegação, com extensão de 150 léguas, tem o primeiro-tenente VITAL DE OLIVEIRA levantado outras plantas, e cometido outros serviços de não menos importância".

"Como membro da Comissão de Melhoramentos do Pôrto do Recife, levantou a planta do rio Capibaribe".

"De 1852 a 1854 levantou a planta de uma parte da costa do império (de Pitimbu a São Bento)".

"Foi encarregado de explorar os baixos do D. Rodrigo e das enseadas do Japu e Coruripe, assim como o perigoso baixo das Rocas, sito entre as ilhas de Fernando e o continente; aqueles em 1851 e este em 1857".

"Por ocasião da viagem de Sua Majestade Imperial às províncias do Norte (1859), foi o primeiro tenente VITAL DE OLIVEIRA incumbido de explorar o São Francisco do Norte e as duas lagoas de Maceió para determinar a praticabilidade da navegação a vapor".

Ainda se encarregou, no comando do vapor "Jaguarão", do reconhecimento de parte do litoral, ao sul de Santa Marta, dos arredores de Cabo Frio, de sondagem do rio Meriti.

Por fim, concentrava os seus esforços no levantamento da carta geral da costa do Império, começando ao sul do Rio de Janeiro, quando, por aviso de 21 de fevereiro de 1865, foi designado para comandar o vapor de guerra "São Francisco", em missão de transporte de tropas do Norte para o Sul.

A guerra, deflagrada por SOLANO LOPES contra o Brasil, interrompia, nesse lance, as atividades científicas do hidrógrafo exímio, que os doutos no ramo acatavam. Especialmente, o almirante AMADÉE ERNEST BARTHELEMY MOUCHEZ, que, em 1861, o governo da França enviou ao Brasil com o objetivo de efetuar o levantamento cartográfico do litoral.

Rigoroso na crítica aos trabalhos anteriores, não poupou MOUCHEZ os enganos do seu compatriota ROUSSIN, comandante da "Bayadère", mas realçou os méritos de VITAL DE OLIVEIRA, de cujas plantas e roteiros se utilizou, ao preparar as folhas referentes à faixa da Bahia ao Ceará, conforme assinalou nobremente.

É que lhe merecia inteira confiança a contribuição do hidrógrafo brasileiro, que poderia classificar-se entre os seus mais hábeis discípulos, caso não tivesse realizado cuidadosas operações em data anterior à do afamado autor de "Les côtes du Brésil, description et instruction nautiques" (1864-1874).

Depois que lhes cotejou os primeiros trabalhos, de que teve notícia, com a realidade topográfica, não titubeou em aceitar-lhe as informações, resultantes de averiguações porfiadas e sistemáticas. E exaltou-lhe a probidade profissional, que lhe coroava o preparo científico.

Sem deprimir o concurso dos antecessores em análoga tarefa, esforçava-se, em verdade, VITAL DE OLIVEIRA por verificar o grau de precisão que pudessem apresentar seus trabalhos.

Consultava-os, ao examinar cada acidente litorâneo, confrontava-lhes o depoimento, e, por fim, emitia a própria opinião, com a segurança de quem sabia observar a paisagem: em que se lhe deparava, a cada momento, à vista perspicaz.

Manejava a primor os instrumentos de que se munira, e por isso as conclusões apresentadas obtiveram a melhor acolhida entre os sabedores, que as homologavam sem receio algum.

A propósito da ponta da Redonda, em cujas imediações naufragou o vapor inglês "Midge", aponta e desfaz a confusão comum com o baixo do João Cunha, em que incorreu o mestre do brigue "Argerstein", cuja carta o Nautical Magazine de abril de 1832 estampou, como também o capitão-de-fragata da marinha napolitana, E. RODRIGUES, ao publicar o seu "Guide Generale".

Adiante, menciona o "Roteiro", de COSTA PEREIRA, que dá o rio das Piranhas com cinco embocaduras, entre as quais se encontra a ilha de Manuel Gonçalves.

"Na época em que escreveu o ilustre cosmógrafo, esclareceu, já a ilha de Manuel Gonçalves não existia e nem mesmo ocupou tão longo espaço. Este engano é ocasionado sem dúvida por informações dadas por pessoas pouco escrupulosas".

Semelhançamente, ao examinar a "pequena enseada esparcelada e de pouca profundidade", onde se encontra "uma grande povoação e basto coqueiral, que fica por detrás de umas medas de areia que guarnecem a praia", onde "se poderá obter água e alguns mantimentos", recorre às informações dos que versaram o tema. "JOAQUIM DUARTE diz que em frente a Caiçara fica a baixa de Santo Alberto e acrescenta que esta enseada tem à beira da praia um cordão de pedra que nunca é coberto pelas marés".

Reflete, após acuradas observações. "Houve, sem dúvida, algum equívoco; o esteiro de pedras que existe, é da Ponta de Pedra (quase duas milhas ao oeste da ponta da Caiçara), para oeste e entre a ponta de Santo Alberto e o primeiro dos Três Irmãos, e neste último as pedras nunca descobrem. A enseada da Caiçara é limpa, mas tem pouca profundidade da ponta para dentro.

Depois da ponta da Caiçara, e daí para leste é que aparecem algumas pedras junto à praia".

Comumente, é esse o método seguido por VITAL DE OLIVEIRA, como se patenteia melhoramento ao tratar da baía da Traição. Sintetiza os conceitos, dos que o precederam na descrição, como ROUSSIN, PIMENTEL, COSTA PEREIRA, W. NORIE, J. PURDIE, J. DUARTE, Eng^o. RODRIGUES, e SAINT ADOLPHE.

E antes de expor o resultado de suas indagações, reflete: "procuramos apresentar as diferentes opiniões primeiramente, para então dizer o que julgamos desta enseada".

A descrição cabal em que se esmera afasta qualquer dúvida possível, como fiel representação daquelas paragens, que ROUSSIN encontrou despovoadas.

Anotou, a propósito, sem lhe contestar as afirmativas: "Quanto à falta de habitações (ou povoações) e o desaparecimento das jangadas da baía da Traição para o norte, bastará lembrar que ROUSSIN explorou as nossas costas de 1819 a 1820, e que nessa época quase que desertas eram elas; atualmente não se dá o mesmo, existem grandes povoados, uma vila, extensos coqueiros, e não pequena navegação, já de barcaças como de jangadas".

Sempre se esforça por atenuar as divergências com os operadores que o precederam, ainda quando lhes tenha de impugnar as conclusões. Para os navegantes, seriam sobremaneira valiosas as suas indicações, que, seguidas à risca, evitariam acidente molesto.

Ao tratar do cabo de Santo Agostinho, pormenoriza-lhe as peculiaridades que o distinguem à luz solar, afastando qualquer possibilidade de engano.

À noite, acrescenta, navegando-se nas vizinhanças do Cabo, quando o prumo son-dar em pedra ou em cascalho grosso, se está E-O com êle, por quanto quer ao norte, quer ao sul, o fundo é de lama, a não ser lugares dos alfaques, como mencionamos".

E assim continua, sempre minucioso em suas descrições, para melhor utilização dos resultados colhidos em contínuas explorações hidrográficas, sustadas por imprevistas comissões que o levaram a teatro das operações de guerra. De princípio, estadeia as suas aptidões de hábil navegante.



Incumbido de trazer para o Brasil o encouraçado "Nemesis", armado em estaleiros franceses, partiu para Bordéus a 8 de fevereiro de 1866. De regresso, ao aproximar-se de Pernambuco, temporal violento ameaçou, durante três dias, destruir o navio, a ponto de o comandante ordenar que se preparassem escaleres para os tripulantes.

Todavia, amainou, por fim, a tormenta e o encouraçado atingiu o pôrto pernambucano, onde permaneceu por trabalhosa semana, a reparar os estragos causados pelo vendaval.

Ao aportar a Guanabara, a 11 de setembro de 1866, o almirante norte-americano, que se achava, então, com o chefe de algumas unidades, ao cumprimentá-lo, declarou:

"É um triunfo para a navegação ter-se atravessado o Atlântico em um navio da construção do "Nemesis", que é só próprio para navegar rios". Promovido a capitão-de-fragata por decreto de 21 de janeiro seguinte, comandava, então, o mesmo navio, cujo nome se substituiu pelo de "Silvado", para se reunir à esquadra brasileira. Comandava-a o vice-almirante JOAQUIM JOSÉ INÁCIO que, a 2 de fevereiro, decidiu distribuir-lhes as unidades por três divisões, encarregadas de dominar Curupaiti.

No auge da luta feroz, em que tomaram parte 16 embarcações, quando o "Silvado" se aproximou das posições fortificadas, com o seu comandante no pôsto mais arriscado, sem que o perturbasse o canhoneio ensurdecedor, certas balas sem tardança o abateram, mortalmente ferido.

E assim terminou a sua luminosa trajetória, imortalizando-se em ato de heroísmo, quem se mostrou tão destemido na missão de reconhecimento das linhas inimigas, como o fôra antes, ao arrotar os elementos oceânicos em fúria, ou a cuidar de ocupações perseguidoras da hidrografia.

Bravo militar, não faltaria quem lhe preenchesse a vaga, naquele enxame de intrépidos combatentes. Maiores dificuldades surgiriam, todavia, quando se tratasse de continuação dos seus trabalhos hidrográficos, interrompidos por longo prazo, à falta de operador de análogos conhecimentos especializados. Não chegou de completar quanto pretendia, de acôrdo com suas habilitações profissionais.

Não obstante, as "cartas", em que representou as explorações meticulosas do litoral brasileiro, acompanhadas de roteiros, que as interpretavam, documentam de sobejo os seus conhecimentos na especialidade, em que se laureou de glórias.

O mais desenvolvido — "Roteiro da costa do Brasil, do rio Moçoró ao ri de São Francisco do Norte", embora estampe na fôlha de rosto a data 1864, provém de edição póstuma, conforme a explicação em que sua digna e extremosa viúva, Dona ADELAIDE GRAÇA VITAL DE OLIVEIRA, apontou as circunstâncias que lhe retardaram o aparecimento. Começara o autor a corrigir-lhe as primeiras provas, quando, por fevereiro de 1865, lhe confiou o govêrno o comando do vapor "São Francisco", aplicado ao transporte de voluntários nordestinos para Montevidéu.

Por duas vêzes, chegou até o Maranhão, e de lá voltou, com os contingentes que se preparavam para a campanha. Antes que pudesse parar por algum prazo em terra, teve ordem de ir buscar o encouraçado "Nemesis", com o qual, brioso comandante, soçobriaria, próximo à costa pernambucana, depois de providenciar o salvamento da tripulação, caso não pudesse dominar as ondas revôltas.

De setembro a novembro de 66, não lhe sobrou vagar para tornar às suas ocupações pacíficas, destoantes dos afazeres impostos pela guerra implacável.

Em vez da tranqüilidade necessária ao prosseguimento de suas pesquisas as provas, que desejava rever.

"A morte veio em fatal remate embaraçar ainda mais esta publicação", esclareceu a abnegada viúva a 15 de abril de 1869, decorrido já silencioso quinquênio. E acrescentou, mal podendo calar a sua dor pungente.

"O abalo natural que em mim produziu o mais funesto acontecimento que podia sobrevir à minha existência, não me facultou de então para cá uma oportunidade em que me dedicasse incontinenti ao imperioso dever de concluir a referida publicação que agora faço, preferindo dar esta explicação ao público a permissão de se alterar. nem mesmo no frontispício, esta obra que entendi devia fazer respeitar desde sua primeira página até às erratas que no fim se encontram".

Bem andou a inconsolável continuadora de sua iniciativa editôra, em promover a ultimação da correção de provas, e autorizar-lhes, por fim, a impressão.

Não se justificaria, em verdade, perdurasse inédito o "Roteiro", em que VITAL DE OLIVEIRA condensou as penetrantes observações, que efetuou em operoso decênio, como sagaz hidrógrafo.

As contribuições que proporcionou, para a representação exata de longo trecho do litoral brasileiro, bastariam para lhe justificar o ingresso nesta galeria dos que a primor concorrerem para o melhor conhecimento da Geografia do Brasil.

VIRGILIO CORRÊA FILHO